

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**AS DUALIDADES BELO/BEM E FEIO/MAL NA CONSTRUÇÃO
DISCURSIVA DO SACI-PERERÊ EM MONTEIRO LOBATO**

Patrícia de Oliveira Pereira Lima
patriciaplima@uol.com.br
Doutoranda
Universidade Católica de Pelotas (UCPel)

Introdução

A proposta deste trabalho consiste em examinar as diferentes formas de designação referentes à personagem Saci, na obra “O Saci” de Monteiro Lobato, à luz da teoria da Análise de Discurso de linha francesa, ciência interpretativa que se ocupa de questões ligadas ao processo sócio-histórico de produção dos sentidos.

Tem como foco a relação corpo/linguagem na construção discursiva dessa personagem, considerando a ambivalência presente em sua constituição quanto à articulação belo/bem e feio/mal. Tendo em vista que o objetivo geral da pesquisa consiste em verificar se há elementos designativos no intradiscurso, que apontam para a relação normalmente estabelecida entre belo/bem e feio/mal na personagem Saci de Lobato, seus objetivos específicos buscam:

- a) analisar que elementos da memória discursiva podem ser resgatados historicamente nos textos da obra “O Saci”, relativos à personagem;
- b) examinar como tais elementos relacionam-se às dualidades belo/bem e feio/mal, conforme entendimento do senso comum.

Caracterização da personagem

O Saci-Pererê tem procedência ameríndia, de fonte tupi-guarani. Teria sido primitivamente um mito ornitomórfico, isto é, pássaro encantado e, ainda hoje, em diversas versões, o Saci é visto como ave (Câmara Cascudo, *Geografia dos Mitos Brasileiros*, 2002).

A origem de seu nome é creditada a várias aves que levam esse nome (principalmente a “*Tapera naevia*”). Geralmente são aves que cantam tristemente e com fama de trazer azar.

Posteriormente transformou-se em mito antropomórfico, ou seja, negrinho de uma perna só, com olhos vermelhos como fâsca e orelhas de morcego; é extremamente ágil, andando sempre aos pulos; é astuto e atrevido, gosta de fumar cachimbo e usa uma carapuça vermelha, que lhe confere poderes de se tornar invisível. Essa é a forma mais usual.

Aspectos discursivos considerados

Busca-se examinar aqui algumas noções e conceitos constitutivos da espinha dorsal da Análise de Discurso que servirão de base para a análise do “corpus” discursivo deste trabalho.

Um deles é o discurso. Visto como objeto da AD, não quer dizer língua, nem texto, nem fala, entretanto precisa de elementos lingüísticos para ter existência material. Diz respeito à exterioridade da língua e engloba aspectos sociais e ideológicos. O discurso não é a língua(gem) em si, entretanto necessita dela a fim de que tenha existência tanto material e/ou real.

As escolhas lingüísticas e seu uso revelam a presença de ideologias que se contrapõem, passando a manifestar também a presença de diferentes discursos que expressam a posição de grupos de sujeitos sobre uma mesma temática.

Outro aspecto discursivo a ser considerado é quanto à noção de memória discursiva. Neste caso, há uma possibilidade de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, como resultado, efeito de um esquecimento proveniente do deslocamento da memória como virtualidade de significações.

Trata-se, assim, de uma memória coletiva em que a existência de múltiplos tipos de discursos acarreta a diversificação de grupos sociais. Um discurso abarca a coletividade dos sujeitos que trocam experiências em nível sociocultural e ideológico, mantendo-se em posição contrária a outros discursos. Também diz respeito a acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que acabam intervindo na sua construção.

Observa-se que a personagem Saci remete o leitor ao processo de formação histórica do Brasil nos períodos da Colônia e do Império, em que se destacava uma sociedade de base escravocrata. O senhor via no escravo sua propriedade, que adquiriu mediante um desembolso de capital, e não como alguém cujo trabalho devia ser remunerado.

A noção de condições de produção de um discurso também deve ser ressaltada. É constituída pelo contexto social e histórico, pela relação de sentidos, pela antecipação, pela

relação do texto com outros textos possíveis num determinado contexto. Enfim, pela relação de dominância de um sentido sobre os outros.

A representação da figura do Saci como escravo remete a discursos outros, em especial, ao discurso escravagista e racista. Como bem diz (Pêcheux, *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, 1997), um discurso deve ser remetido às relações de sentido nas quais é produzido; sendo assim, um discurso remete a outro discurso, diante do qual é uma resposta direta ou indireta. Segundo o autor, o processo discursivo não tem um ponto inicial; o que realmente funciona é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que destinador e destinatário atribuem a si próprios e ao outro, isto é, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro.

Neste trabalho, o movimento teve como eixo a relação dicotômica belo/bem e feio/mal que fundamenta a construção discursiva da personagem Saci-Pererê na obra “O Saci” de Monteiro Lobato a partir da identificação de elementos do intradiscorso que apontam para a interdiscursividade aí implicada. Tais elementos referem-se aos processos designativos, presentes nos recortes discursivos selecionados, que possibilitam o resgate histórico da constituição dessa personagem.

A escolha das seqüências realizou-se a partir da observação de diálogos estabelecidos entre o Saci e Pedrinho, Pedrinho e Dona Benta, Pedrinho e tio Barnabé, Pedrinho e tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho e o narrador e dividiu-se em dois blocos: A e B. O bloco A apresenta seqüências que produzem como efeito de sentido um Saci brando, afável e flexível. Já o bloco B, diferentemente, trata de seqüências cujo efeito é de um Saci indócil, insurgente e rebelde.

A noção de designação compreende como as palavras produzem sentidos na sua historicidade, não interessando mais a relação objeto-palavra que resulta num sentido (Orlandi, *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*, 2005).

Foram com os estudos de Pêcheux na França, mais precisamente no período de 1969 a 1980, que se descortinou um campo produtivo para a análise do discurso, com múltiplas tendências. Ao se filiar às teorias hermenêuticas, a AD francesa contrapunha-se às concepções pós-estruturalistas e pós-marxistas, uma vez que a base de seu trabalho estava em refletir sobre a significação e as condições sócio-históricas de produção do discurso. A questão do sentido ultrapassa o interior do lingüístico, uma vez que a AD não se dedica somente à maneira de organização dos elementos que compõem o discurso, mas também às condições de produção do discurso.

Assim sendo, a designação não pode mais ser entendida meramente como a correspondência entre as palavras do discurso e os objetos do mundo numa acepção

vericondicional, mas sim num quadro teórico que propicie verificar como as palavras produzem sentidos historicamente.

A escolha das seqüências realizou-se a partir da observação de diálogos estabelecidos entre o Saci e Pedrinho, Pedrinho e Dona Benta, Pedrinho e tio Barnabé, Pedrinho e tia Nastácia, Pedrinho e Narizinho e o narrador. O bloco A apresenta seqüências que produzem como efeito de sentido um Saci brando, afável e flexível. Já o bloco B, diferentemente, trata de seqüências cujo efeito é de um Saci indócil, insurgente e rebelde. É o que se verá a seguir.

Análise

Bloco A - Saci-Bom

SDR: Espere, vovó – disse Pedrinho com modéstia. Se a senhora emprega essas palavras para mim, que palavras empregará para o meu amigo saci? Na verdade foi ele quem fez tudo. Sem sua astúcia e conhecimento da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu sozinho não teria conseguido. Absolutamente nada. Agradeça ao saci, que não faz senão dar o seu ao seu dono, como diz tia Nastácia. Todos se voltaram para o saci. Mas...

- Que é do saci? – exclamaram há um tempo. Procuraram-no por toda parte, inutilmente. O heróico duendezinho duma perna só havia desaparecido (LOBATO, *O Saci*, 1979, p. 77).

Há duas designações, nessa seqüência, que se constituirão em objeto de análise: “amigo saci” e “heróico duendezinho de uma perna só”. No primeiro caso, o Saci é visto por Pedrinho como um amigo de verdade. A designação “amigo saci”, empregada por Pedrinho referindo-se ao moleque, é no sentido de elevá-lo à categoria de seu parceiro e amigo. Os determinantes “o” (artigo definido) e “meu” (pronome possessivo) juntamente com o qualificador “amigo” (adjetivo) parecem revelar a relação de cumplicidade e de amizade que um tem pelo outro.

O Saci surge na posição de herói, garantindo a integridade física de Pedrinho e de Narizinho, explicando ao menino os segredos e os mistérios da mata. Pedrinho, que até então ocupava a posição de senhor, dono de um escravo, agora precisa de sua ajuda, pois desconhece os perigos da floresta.

Observa-se que, embora o Saci apresente defeito físico, pois não tem uma das pernas, sua índole é boa. A questão dicotômica de que o feio estaria sempre associado ao mal não cabe nesta SDR. Ao contrário, tem-se aqui um Saci feio, perneta, porém amigo, companheiro e protetor de Pedrinho, pois evita que o menino seja vítima de animais e de seres fabulosos que costumam perambular nas matas. Posteriormente, ainda consegue salvar Narizinho das mãos da aterrorizante Cuca, usando sempre de sua astúcia como instrumento para contornar as situações delicadas e perigosas que costuma enfrentar a cada momento. Em outras situações, assume características de um educador para Pedrinho, revelando ao seu companheiro o local onde são gerados os sacis, além de explicar a ele o sentido da vida e da morte.

Entretanto, deve-se observar que essa amizade surgiu porque Pedrinho sentiu-se desamparado na mata, embora tivesse o Saci como seu escravo, preso dentro de uma garrafa. De acordo com a história, a personagem Pedrinho não sabia o que fazer diante dos seres assustadores que, porventura, pudessem aparecer, assim como nada comeria se tivesse fome, pois não sabia dos segredos ali existentes. Sentindo-se ameaçado, Pedrinho liberta o Saci (com o compromisso de este o proteger) e passa a contar com um eficiente colaborador.

Já a designação “heróico duendezinho de uma perna só” apresenta certo grau de equivocidade, visto que normalmente os duendes não têm atitudes heróicas. Sua característica básica é fazer travessuras. Em primeiro lugar, nesta posição-sujeito, o Saci recebe o atributo de “herói”.

Na história de Monteiro Lobato, o Saci age como herói, quando protege Pedrinho dos perigos da mata e também quando, juntamente com o garoto, salva Narizinho das garras da ardilosa e malévola Cuca. Atribuir a ele a designação “duendezinho de uma perna só” implica chamar a atenção para a sua deformidade, o que não impede suas atitudes solidárias. Novamente, a dicotomia de que se trata aqui é subvertida. Um aspecto de ordem histórica a destacar, referente à deformidade física do Saci, faz ressoar o sofrimento que os cativos passaram nas mãos dos senhores-de-engenho.

Diferente da voz do senso comum que, quando quer insultar o negro, utiliza-se de formas estigmatizantes que o colocam numa posição inferior em relação ao branco, tais como feio, burro, malandro, indolente, remetendo a uma FD racista, o enunciado em análise provoca um outro efeito de sentido, embora mantenha o estereótipo. Na realidade, observa-se que a designação presente no enunciado traz certa contradição, pois ao mesmo tempo em que é considerado herói, também é visto através de estereótipos que estabelecem a inferioridade do negro em relação ao branco.

Bloco B – Saci-Mau

SDR: - Ah!, menino, mecê não imagina como saci é arteiro!... Tem uma perna só, sim, mas quando quer cruza as pernas como se tivesse duas! São coisas que só ele entende e ninguém pode explicar. Cruzou as pernas e começou a tirar baforadas, uma atrás da outra, muito satisfeito da vida (LOBATO, *O Saci*, 1979, p. 19).

Ao se designar o vocábulo “saci”, a primeira coisa que vem à mente das pessoas é que se trata de um negrinho muito arteiro, retinto que nem carvão. Graças a seus poderes mágicos, o Saci pode aparecer e desaparecer a qualquer momento, uma vez que dispõe de uma carapuça vermelha que lhe confere tais poderes. Esse caráter sobrenatural do Saci remete a uma FD religiosa africana. Nessa posição-sujeito, o Saci estaria mais voltado a práticas de feitiçarias invocadoras do mal do que propriamente do bem, remetendo à defesa dos maus-tratos sofridos pelos escravos durante o processo de escravização no Brasil.

Os escravos buscavam na religião uma forma de amenizar o seu sofrimento. A crença em feitiçarias, durante a escravidão, era tão grande que os cativos acabavam se conformando com sua condição como forma de reduzir tal sofrimento. Na história de Lobato, os poderes mágicos conferidos ao Saci têm muito a ver com as práticas de feitiçaria realizadas durante o Brasil-Colônia. O Saci parece representar o diabo, ou seja, criatura com característica predominantemente malévola e com poderes sobrenaturais. Tal entidade faz parte desse universo. Feio, com deformidade física, criatura abominável e que pratica atitudes malignas, enfim o mal.

Conclusão

Na posição-sujeito 1 (PS1), observou-se a existência de uma subversão das dicotomias belo/bem e feio/mal, normalmente estabelecidas pelo senso comum, com relação ao protagonista da história. Nessa posição-sujeito o Saci parece ser bom e feio. Sua bondade decorre de seu companheirismo e de sua amizade por Pedrinho, preocupando-se sempre em protegê-lo contra as possíveis adversidades da floresta. A relação entre eles caracteriza-se, sobretudo, pela confiança mútua. Por outro lado, sua feiúra configura-se em razão da deformidade física que lhe é inerente, pois apresenta mutilação numa das pernas.

Na PS1, verifica-se também que o Saci assume, em alguns momentos, o papel de herói, enquanto que na PS2 ele é rebelde, malandro e trapaceiro. Na PS1, o Saci é entendido em práticas de cura, o que faz referência a uma FD religiosa africana, agindo como uma espécie de feiticeiro, curandeiro por entender de ervas e plantas medicinais. Na posição-sujeito 2 (PS2) o capeta pode provocar inúmeros problemas de maior ou menor monta. Possui poderes sobrenaturais, empregando-os em sentido destrutivo, o que remonta a uma FD religiosa cristã.

Constatou-se também que além da deformidade física aparente pela falta de uma das pernas, a cor negra do Saci parece ser vista como um defeito, o que remete a uma FD racista.

A partir das diferentes designações do vocábulo “Saci” presentes nas SDRs aqui apresentadas, constatou-se que tal personagem é constituída por duas posições-sujeito distintas e antagônicas. Entretanto, tais posições não são excludentes, mas conciliáveis. O que ocorre é que, num dado momento da história, uma pode prevalecer sobre a outra.

REFERÊNCIAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.
- GIL, José. *Monstros*. Trad. José Luís Luna. Lisboa: Quetzal, 1994.
- LOBATO, Monteiro. *O Saci*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.